

**RELAÇÕES INTERTEXTUAIS ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA:
O Irmão Alemão de Chico Buarque¹**

***INTERTEXTUAL RELATIONS BETWEEN LITERATURE AND HISTORY:
“O Irmão Alemão”, By Chico Buarque***

Maria Aparecida Mineiro²

Márcia Maria de Melo Araújo³

RESUMO: Este estudo propõe modos de refletir sobre as diferentes dimensões que o fato histórico adquire no âmbito da ficção em *O irmão alemão*, obra de Chico Buarque (2014). Essa narrativa é mais uma etapa do estilo literário buarqueano que mescla aspectos de sua vida e elementos ficcionais. Dessa forma, o objetivo é o de refletir sobre as relações paradoxais entre literatura e história, na obra citada, de forma a identificar como esses elementos são inseridos na narrativa do escritor. Nessa perspectiva, traçamos um paralelo diante das vertentes apresentadas, tendo como aporte teórico Linda Hutcheon (1991), Hayden White (1994) e Compagnon (1986).

PALAVRAS-CHAVE: Chico Buarque. Literatura. História. *O Irmão Alemão*. Intertextualidade

ABSTRACT: *This essay aims ways to think about different dimensions that the historic fact obtains in the fiction O irmão alemão, written by Chico Buarque and published in 2014. This novel joins the writer's life, real history and fictional points. The main purpose is reflect about the Literature and History paradoxical, to identify how these characteristics are in the novel. In this context, we make these reflections, studying Linda Hutcheon (1991), Hayden White (1994), Compagnon (1986), and others researches.*

KEYWORDS: *Chico Buarque. Literature. History. O Irmão Alemão. Intertextuality*

¹ Esse trabalho foi apresentado por meio de comunicação oral no evento VI Semana de Integração – UEG-Inhumas, Goiás, Brasil.

² Mestranda em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás (PPG - IELT/UEG), no Câmpus de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Anápolis, Goiás, Brasil. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP), certificado pelo CNPq. E-mail: mineiro.maria@gmail.com

³ Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Professora pesquisadora da Universidade Estadual de Goiás, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), Câmpus Cora Coralina, Cidade de Goiás, Goiás, Brasil. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP), certificado pelo CNPq. E-mail: marcimelo@gmail.com

Introdução

Compreendemos que mesmo com fatos historiográficos, é por meio da literatura que podemos ultrapassar os registros do discurso histórico, delimitando os possíveis fatos. Textos literários possuem mais que análises objetivas de dados, fatos, documentos ou monumentos, conforme delimita Antoine Compagnon (2010) ao explicitar que a literatura fala também da literatura. Assim, a literatura completa, de certa forma, relações entre ela própria e o mundo porque, pela percepção do leitor, “vítima da ilusão referencial, o leitor acredita que o texto se refere ao mundo, enquanto que os textos literários não falam nunca senão de estados de coisas que lhes são exteriores”. (COMPAGNON, 2010, p. 110).

O irmão alemão (2014) apresenta, em sua narrativa, elementos ficcionais inspirados na vida real que rompem a ilusão de realidade da obra ficcional. Nela podemos observar momentos históricos que perpassam no romance, tais como a ditadura militar e o holocausto. Chico Buarque, que viveu a época da ditadura militar no Brasil, deixa explícito alguns pontos desse fato histórico. Não obstante, o autor traz uma escrita de momentos da história do Brasil e da Europa e combina certa quantidade de “dados”, conceitos teóricos para explicá-los e, assim, confirma um conteúdo estrutural profundo que é em geral poético e que faz do paradigma pré-criticamente aceito e funciona como meta-história. (WHITE, 1994).

Além de ser literária, *O irmão alemão* traz consigo “a compreensão de que a história, assim como a própria civilização, deve ser transcendida, caso se pretenda atender às necessidades da vida” (WHITE, 1994, p. 46). É nesse sentido que percebemos que a personagem buarqueana é construída sobre uma visão coerente e fragmentada intencionalmente pelo autor, assim como Candido explica:

[...] na vida, a visão fragmentária é imanente à nossa própria experiência; é uma condição que não estabelecemos, mas a que nos submetemos. No romance, ela é criada, é estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do outro. (CANDIDO, 2002, p. 58).

Dessa forma, comprometida com a relação entre literatura e história, haja vista o contexto histórico que a obra de Chico Buarque parece-nos querer encaixar na literatura brasileira, *O irmão alemão* aponta para diferentes dimensões que o fato histórico adquire no

MINEIRO, Maria Aparecida; ARAÚJO, Márcia Maria de Melo. *Relações intertextuais entre Literatura e História: O Irmão Alemão de Chico Buarque*.

âmbito ficcional, pois o autor utiliza sua história aliada a momentos históricos por ele vivido e acrescenta ficção ao seu enredo, ainda que

[...] a única maneira aceitável de colocar a questão das relações entre a literatura e a realidade é formulá-la em termos de “ilusão referencial”, ou, segundo a célebre expressão de Barthes, como um “efeito do real”. A questão da representação volta-se então para a do verossímil como convenção ou código partilhado pelo autor e pelo leitor. (COMPAGNON, 2010, p. 107).

De fato, Chico Buarque utiliza-se do que Compagnon chama de “ilusão referencial” ao ilustrar o romance com cartas, fotos e obras literárias conhecidas mundialmente. Por outro lado, seguindo o raciocínio de Compagnon (2010, p. 160), “texto e leitor se dissolvem em sistemas discursivos, que não refletem a realidade, mas são responsáveis pela realidade, tanto a dos textos quanto a dos leitores”. Nessa perspectiva, evidenciamos no presente estudo, a relação entre a literatura e a história, a maneira como, em *O irmão alemão* de Chico Buarque, realidade e ficção se misturam produzindo um efeito de convencimento do leitor a respeito de acontecimentos verossímeis.

Isso ocorre porque gradativamente, durante a leitura, o leitor infere no significado do texto, remodelando e reordenando-o. Dessa forma, “o romancista age como um mediador e o leitor se transforma em testemunha das mudanças ocorridas, tornando-se não só um intérprete dessas mudanças ocorridas, mas também um criador de possibilidades, para além daquilo que é realmente fato.” (NAVAS, 2009, p. 25)

Em face do exposto, traçamos um paralelo diante das vertentes apresentadas, tendo como aporte teórico Linda Hutcheon (1991), Antoine Compagnon (2010), dentre outros, que, a despeito de uma tomada de consciência de um tipo de fenômeno literário, lançam discussão e questionamentos que expressam mudanças sociais e suas conseqüentes implicações em relação ao leitor.

Literatura e História

Um dos marcos da literatura do século XX e da atualidade tem se baseado no dialogismo intertextual e na autorrepresentação do fazer poético. Muitas obras restabelecem uma espécie de diálogo com outras áreas do saber, tais como pinturas, outras obras literárias,

MINEIRO, Maria Aparecida; ARAÚJO, Márcia Maria de Melo. *Relações intertextuais entre Literatura e História: O Irmão Alemão de Chico Buarque*.

obras históricas, filmes, entre outras. Nessa perspectiva, Linda Hutcheon foi uma das precursoras dessa defesa ao teorizar a adaptação entre várias mídias, isto é, demonstrar a interação que se faz por intermédio dessas produções existentes. Em virtude disso, em alguns romances, o limite entre a figura do narrador e a do autor se tornou bastante tênue, pois com o ensejo de representar ou apropriar-se de outras personagens, o autor mescla aspectos reais e ficcionais dentro do âmbito literário.

Para Hutcheon (1991), o diálogo que constitui o pós-modernismo foi parcialmente possibilitado pela reelaboração da escritora e crítica literária Julia Kristeva sobre as noções bakhtinianas de polifonia, dialogismo e heteroglossia - as múltiplas vozes de um texto. Dessa forma, Hutcheon (1991) aplica os ensinamentos da crítica literária francesa que desenvolve a teoria de que, a partir da existência da pluralidade de textos dentro de uma produção textual específica, o processo de leitura torna-se um ato de colher, de tomar, de reconhecer traços e o leitor passa a ter uma participação agressiva, ativa, de apropriação. Assim, ela retoma a ideia de diálogo linguístico, onde um texto remete a outros textos, permitindo uma nova forma de ser, ao elaborar sua própria significação.

Na medida em que o diálogo com outras fontes se estabelece, a ficção e a realidade transitam por um plano de autenticação para o leitor, uma vez que parecem encaixar-se dentro da mesma vertente. Convém salientar que a ficção e a história percorrem trajetórias comuns ainda que Aristóteles (2003) fixe que é próprio do historiador registrar o que de fato aconteceu e ao artista é próprio que imagine o que poderia ter acontecido. Há produções que delineiam um passado construído de maneira obscura acordado com investigações históricas convencionais. Há outras, forjadas em tropos e se enquadram no que Silva (1978) entende como um dos pressupostos da literariedade. Constroem-se em linguagem polissêmica e deixam transparecer, ao leitor mais astuto, a ironia, o deboche ou questões incisivas sobre determinados momentos históricos.

Embora se apresentem contrárias, a literatura e a história passam por trajetórias comuns. Compreendemos que mesmo com fatos historiográficos, identificamos que por meio da literatura, podemos ultrapassar os registros do discurso histórico, delimitando os possíveis fatos e até esclarecê-los. Para tanto, valemo-nos do elemento intertextual, nesta comunicação, para investigar esses registros. Parece-nos viável compreender que a intertextualidade refletida na escrita de Chico Buarque manifesta a necessidade de reduzir a distância entre o

MINEIRO, Maria Aparecida; ARAÚJO, Márcia Maria de Melo. *Relações intertextuais entre Literatura e História: O Irmão Alemão de Chico Buarque*.

passado e o presente e também de um desejo de reescrever o passado dentro de um novo contexto. (HUTCHEON, 1991, p. 152). O autor utiliza esses ecos intertextuais para enriquecer seu texto e aproximar-se de algumas dessas obras literárias.

São exatamente esses três elementos (história, ficção e teoria) que chamam a atenção em *O irmão alemão*. No âmbito literário, Chico tinha contato, e a literatura foi o meio de aproximação, com alguns escritores por meio de seu pai, tais como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto (MASSI, 1994, p. 1). Interessou-se pela carreira de escritor e seus últimos romances publicados foram: *Estorvo* (1991), *Benjamim* (1995), *Budapeste* (2003), *Leite derramado* (2009) e *O irmão alemão* (2014).

Pode-se averiguar que o convívio com os livros, assim como a intertextualidade presente em algumas passagens, e as impressões do narrador sobre as personagens que Chico Buarque descreve, revelam a voz autorreferencial que estabelece relação entre linguagem e realidade: “Fui eu que lhe apresentei Céline e Camus, e em troca ela me emprestou um Henry Miller cheio de sacanagens. Com ela dava para ver Godard, Antonioni e Bergman sem ter de explicar os silêncios, a ela pedi segredo e revelei a história do meu irmão alemão”. (BUARQUE, 2014, p. 36).

Na passagem anteriormente descrita, o narrador se refere a uma garota chamada Maria Helena que fazia cursinho junto com ele, a quem deseja, mas ela se envolve com seu irmão. No final da história, Maria Helena se entrega a seu irmão e chora no seu ombro. Se sente comovido e ao mesmo tempo excitado por ela, então resolve pegar emprestado de seu pai “um Flaubert para lhe dar de presente, não *Madame Bovary*, mas *A Educação Sentimental*. Acontece que a Maria Helena nunca mais apareceu no cursinho, só bem mais tarde eu soube que passou no vestibular de arquitetura”. (BUARQUE, 2014, p. 38).

Há de se convir que existem semelhanças entre o romance de Flaubert e a situação vivida por Ciccio e Maria Helena no romance *O irmão Alemão* de Chico Buarque. *A Educação Sentimental* ambienta-se na Revolução de 1848 na França como pano de fundo e conta a história de um adolescente apaixonado por uma mulher mais velha e casada. Essa por sua vez, não se entrega a ele, e o apaixonado Frédéric, protagonista do enredo, vive outros amores menores, mas não deixa de amá-la. O romance constitui-se de várias referências históricas e traços autobiográficos do autor como o encontro de Madame Arnoux, baseado em Elisa Schlesinger, o amor de sua vida.

MINEIRO, Maria Aparecida; ARAÚJO, Márcia Maria de Melo. *Relações intertextuais entre Literatura e História: O Irmão Alemão de Chico Buarque*.

Dessa forma, percebe-se a apropriação dessa personagem, Frédéric, e até mesmo de seus ideais em relação à personagem Ciccio. Um rapaz ambicioso, apaixonado por Maria Helena, uma jovem com mais idade que ele e namorada do irmão dele. Ambos romances têm marcas autobiográficas e são repletos de fatos históricos.

É nesse sentido que podemos afirmar que Chico Buarque realiza um diálogo intertextual mediante o exposto, pois apresenta semelhanças no ato de escrever, além de ser ambientado em um período revolucionário, em que ocorre a ditadura militar: “[...] o boca a boca nos deixava ao corrente das manifestações contra a ditadura que se realizavam vez ou outra pela cidade, obviamente sem a publicidade e a repercussão das marchas católicas do passado”. (BUARQUE, 2014, p. 49). Ademais, entre outras marcas de aproximação, tem-se que o jovem apaixona-se por uma amiga do cursinho de pré-vestibular comprometida, tal como acontece com Frédéric. Além disso, também vive outros amores, mas não consegue esquecê-la. Outrossim, o escritor faz referências históricas como o nazismo, haja vista que seu irmão alemão deveria comprovar sua origem ariana à corte alemã.

Por isso, para melhor compreensão da obra *O irmão alemão*, o leitor necessita das leituras de escritores e cineastas famosos, tais como Céline, Camus, Godard, Antonioni, Bergman, Flaubert, Baudelaire, Francis Ponge. Esses tornam-se responsáveis pela fundamentação do discurso de Ciccio com sua amada Maria Helena. Ainda nesse contexto, servindo-se de semelhante procedimento para atualizar os textos de Céline, Chico Buarque exerce um diálogo de aproximação com *Viagem ao fim da noite*, do autor francês. Trata-se de uma produção supostamente autobiográfica, de linguagem popular e ousada, cujo narrador-protagonista, Ferdinand Bardamu, vive os horrores da Primeira Guerra, passa pela África colonial e pelos Estados Unidos. Em seguida, retorna à França onde se estabelece como médico em um subúrbio de Paris. Ademais, apaixona-se pela enfermeira americana que cuida dele na França. Ao longo do romance, Bardamu sente as fragilidades da condição humana e denuncia as injustiças da sociedade.

No bojo dessa discussão, percebe-se que a linguagem da obra de Chico Buarque apresenta construções de frases coloquiais, aproximando-se de uma linguagem popular como a do livro de Céline. Igualmente aponta uma suposta autobiografia, se considerarmos que Chico Buarque teve um irmão nascido na Alemanha (BARCA, 2016). Contudo, notamos na orelha do livro que o narrador já conscientiza o leitor de que não é uma narrativa

MINEIRO, Maria Aparecida; ARAÚJO, Márcia Maria de Melo. *Relações intertextuais entre Literatura e História: O Irmão Alemão de Chico Buarque*.

autobiográfica, uma vez que nega esse acordo salientando que, não deve a verdade aos leitores.

Não obstante, Chico Buarque imprime em *O irmão alemão* particularidades sobre as tendências políticas de Ciccio. Esse é um dos detalhes que apontam as convergências comunistas, no período da juventude do autor, e chamam a nossa atenção para o desenvolvimento dessa comunicação, pois em sua biografia Chico Buarque conta a respeito de suas ideias de esquerda desde a adolescência e que no colégio foi o único aluno a se manifestar favorável ao regime de Fidel Castro. (WERNECK, 2007, p. 65). Por outro lado, o protagonista Ciccio enfatiza:

Lá em casa pouco se falava de política, se bem que meu pai, pelo que sei, tendia a ideias socialistas. Não as expressava ultimamente em público decerto porque, como supervisor geral do Cambesp, era subordinado a um governador partidário do regime militar. Mas nas estantes do quarto do casal, um território até então quase estrangeiro para mim, além de teóricos mais conservadores e do já meio batido Marx, havia obras de Engels, Trótski, Gramsci, autores que li por alto para poder citar uma passagem ou outra deles por aí. (BUARQUE, 2014, p. 47).

Dessa forma, Ciccio dá pistas sobre as ideias socialistas de seu pai e, ao mesmo tempo, por meio da intertextualidade representada por autores como Marx, Engels, Trótski, Gramsci, o leitor por perceber as intenções de Ciccio entre as tendências socialistas do próprio escritor: “A fim de melhor marcar presença eu geralmente levava de casa um volume de *Das Kapital*, e encostado na parede fingia ler Karl Marx em alemão, enquanto os líderes estudantis se digladiavam na frente da sala.” (BUARQUE, 2014, p. 47).

Sob a ótica da ditadura, os artistas daquela época “faziam alusões ao comunismo, ideologia política e socioeconômica que tem por objetivo promover a sociedade igualitária, era o paradoxo do modelo político imposto ao Brasil.” (MATOS, 2011, p. 11). Por isso, muitos artistas eram vistos como ameaças ao governo, pois denunciavam, em suas obras artísticas, as mazelas vividas pelo povo. Portanto, Chico Buarque alinha-se nessa vertente e representa muitas vozes em suas músicas, desde a voz feminina até a do proletariado.

Além do mais, no romance *O irmão alemão*, observamos a presença constante de documentos para contestação verídica dos fatos, tais como cartas, registros e notas. Nessa perspectiva, tal obra evidencia o valor documental em relação ao seu conteúdo histórico e manifesta o seu propósito de fazer com que o leitor se conscientize sobre seus elementos reais

MINEIRO, Maria Aparecida; ARAÚJO, Márcia Maria de Melo. *Relações intertextuais entre Literatura e História: O Irmão Alemão de Chico Buarque*.

e sua inspiração para a presente narrativa. Por isso, Chico Buarque disponibiliza a seguinte nota depois do final da narrativa:

Tomei conhecimento do destino do meu irmão Sergio Günther graças ao empenho do historiador João Klug e do museólogo Dieter Lange. Seus trabalhos de pesquisa em Berlim basearam-se nos documentos constantes neste livro, preservados por minha mãe, Maria Amelia Buarque de Holanda. O contato com Klug e Lange se deu por intermédio do editor Luiz Schwarcz e do historiador Sidney Chalhoub. Em maio de 2013 estive em Berlim com minha filha Silvia Buarque, cuja contribuição foi fundamental para as entrevistas com a filha de Sergio, Kerstin Prügel, a neta, Josepha Prügel, a ex-mulher, Monika Knebel, e os amigos Werner Reinhardt e Manfred Schmitz. (BUARQUE, 2014, p. 229)

Na seguinte passagem, referente ao início da narrativa, em que o narrador apresenta a carta de Anne Ernst endereçada a Sergio de Hollander:

Asa de inseto, nota de dez mil-réis, cartão de visita, recorte de jornal, papelzinho com garranchos, recibo da farmácia, bula de sonífero, de sedativo, de analgésico, de antigripal, de composto de alcachofra, há de tudo ali dentro. E cinzas, sacudir um livro do meu pai é como soprar um cinzeiro. Desta vez eu vinha lendo *O Ramo de Ouro*, numa edição inglesa de 1922, e ao virar a página 35 dei com uma carta endereçada a Sergio de Hollander, rua Maria Angélica, 39, Rio de Janeiro, Südamerika, tendo como remetente Anne Ernst, Fasanenstrasse 22, Berlin. Dentro do envelope, um bilhete batido à máquina em papel almaço amarelado e puído:

Berlin, den 21. Dezember 1931

Lieber Sergio

Durch Dein Schweigen errate ich...

[...]

Sei que meu pai ainda solteiro morou em Berlim entre 1929 e 1930, e não custa imaginar um caso dele com alguma Fräulein por lá. Na verdade, acho que já ouvi falar de algo mais sério, acho até que há tempos ouvi em casa mencionarem um filho seu na Alemanha. Não foi discussão de pai e mãe, que uma criança não esquece, foi como um sussurro atrás da parede, uma rápida troca de palavras que eu mal poderia ter escutado, ou posso ter escutado mal.

(BUARQUE, 2014, p. 08-09)

O narrador levanta impressões sobre a vida de seu pai Sergio de Hollander e de um provável irmão que coincidem com a do historiador Sérgio Buarque de Holanda, pai de Chico Buarque. Mais tarde o leitor toma conhecimento que o nome do irmão alemão é Sergio Günther. Talvez por isso a dedicatória “Para Sergios”. Embora a história seja recheada de fatos, incluindo perseguições e sumiços ocasionados pela ditadura militar, Chico Buarque é inventivo, dado às amplas imaginações. Faz-se, assim, uma narrativa quase cinematográfica, que passeia com sutileza entre realidade e ficção.

MINEIRO, Maria Aparecida; ARAÚJO, Márcia Maria de Melo. *Relações intertextuais entre Literatura e História: O Irmão Alemão de Chico Buarque*.

No que diz respeito às obras cinematográficas presentes na narrativa de *O irmão alemão*, selecionamos *Duas ou três coisas que sei dela* de Godart para mostrar como dialoga com o romance de Chico Buarque. Embora não seja explícito pelo narrador da obra cinematográfica, esse é o tipo de filme que mostra cenas em que os gritos que ecoavam da guerra no Vietnã são abafados com propagandas e consumo, a ressignificar o espaço urbano em tempos capitalistas e homogeneizantes. Da mesma forma, em *O irmão alemão*, o desaparecimento e as prisões de pessoas pelo sistema de repressão militar é abafado por meio do silêncio. “Eu era como um negativo dele até para Eleonora Fortunato, que me ignorava ao distribuir camisetas estampadas com o retrato do filho desaparecido.” (BUARQUE, 2014, p. 192). Ou até mesmo a ausência de seu irmão,

Logo se restaurou a democracia no Brasil e nos países vizinhos, até o Muro de Berlim veio abaixo, mas à minha mãe eu pedia um pouco mais de paciência. O Mimmo ainda tem umas semaninhas de pena a cumprir, eu lhe dizia sempre, e pelas fotos dos presídios apinhados mais parecia que, no lugar dos subversivos, a linha dura resolvera encarcerar os pretos. (BUARQUE, 2014, p. 192).

Destarte, o filme *O anjo exterminador* é o escolhido da personagem Ciccio para assistir junto com uma colega do cursinho para provocar ciúmes em Maria Helena.

Era uma caipira até interessante com quem comecei a puxar conversa, um pouco para aporrinhar a Maria Helena, e na frente da Maria Helena eu a convidei para um cinema. Fomos ver *O Anjo Exterminador*, mas ela estava tímida demais, assistiu ao filme encolhida na cadeira e não achou graça nas minhas observações. (BUARQUE, 2014, p. 36).

O anjo exterminador, dirigido pelo cineasta espanhol Luis Buñuel, foi produzido em 1962 no México e mescla aspectos do real e surreal, herança do convívio de Buñuel com o pintor Salvador Dalí. Trata-se de uma história intrigante que começa com um jantar promovido por um rico casal a um grupo de amigos e eles se veem presos na mansão. Não é uma prisão física, mas imaginária, eles não conseguem sair do local e estão presos por portas e grades imaginárias. Com o passar dos dias, as convenções sociais se esmorecem e os instintos começam a aflorar, como desejos sexuais reprimidos, fome, sede. Acreditamos que o filme dialoga metaforicamente com a situação vivida por algumas personagens de *O irmão alemão* que viveram a situação de serem presos políticos.

MINEIRO, Maria Aparecida; ARAÚJO, Márcia Maria de Melo. *Relações intertextuais entre Literatura e História: O Irmão Alemão de Chico Buarque*.

Nota-se que o narrador personagem de *O irmão alemão* cita muitos autores e cineastas europeus. Maria Helena prefere um escritor norte-americano. Decerto para validar sua atração por Ciccio e ser correspondida também por ele,

A temperatura entre nós dois então só fazia aumentar, e quando insisti para que subisse comigo em casa, ela aceitou com a ressalva de que talvez ainda não estivesse pronta para tudo. Sim, era virgem, e a notícia me esmoreceu, ao mesmo tempo que reavivou meus piores temores, pois meu irmão continuava de tocaia à porta do cursinho. (BUARQUE, 2014, p. 22).

Obras francesas envolvem quase todo o cenário de *O Irmão Alemão*. Fica evidente o gosto da personagem Ciccio pela literatura francesa devido a quantidade de livros e filmes que coabitam sua vida: “E um dia a Maria Helena mandou um chofer devolver quantidade de poetas franceses que eu tinha surrupiado de casa, de Baudelaire a Francis Ponge” (BUARQUE, 2014, p. 24).

Em suma, comprometido com a relação entre literatura e história, haja vista o contexto histórico que a obra de Chico Buarque parece-nos querer encaixar, *O Irmão Alemão* aponta para diferentes dimensões que os diversos diálogos adquirem no âmbito literário, pois além do autor utilizar sua história aliada a momentos históricos por ele vivido, acrescenta ficção e interação com outras produções.

Considerações Finais

Para investigar a presença paradoxal da história em *O irmão alemão* de Chico Buarque, a realização desse estudo se fundamentou, sobretudo, no entendimento de que a construção literária se realiza por intermédio da literatura de textos originais representantes de posicionamentos ideológicos⁴ e questionadores do momento histórico que veicula. Dessa forma, percebe-se que o conteúdo histórico, fatos, momentos históricos servem como fonte de inspiração para o escritor carioca.

Além disso, Chico Buarque traz à baila sua imaginação unida a elementos reais na narrativa. Entretanto, assim como o artista diz, a história do livro acabou, mas a saga pelo irmão continua. Desse modo, por meio de sua narrativa, uma nova memória é “lapidada” ao

⁴ Entendemos por ideológico, neste contexto, ideias e pensamentos de um autor.

MINEIRO, Maria Aparecida; ARAÚJO, Márcia Maria de Melo. *Relações intertextuais entre Literatura e História: O Irmão Alemão de Chico Buarque*.

percorrer as imagens proporcionadas por meio da intertextualidade, da memória e demais elementos constitutivos que contribuíram para a construção da obra. Podemos afirmar que Chico Buarque não descarta o fingimento poético, isso porque ao despertar o leitor com elementos reais, ele acrescenta novas versões para os acontecimentos. Dessa maneira, o autor possibilita a pluralidade, estabelecendo várias verdades, as quais se opõem ao discurso oficial dos acontecimentos tido como único e verdadeiro.

Por fim, ao permitir que o leitor permaneça na linha tênue da dúvida e da incerteza quanto à ficcionalidade ou não dos fatos narrados, se realmente aconteceram, o autor permite questionamentos quanto à veracidade dos fatos, confirmando um viés da literatura e da história de ultrapassar o papel do leitor como organizador da interpretação da narrativa.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Arte Poética*: texto integral. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.

BARCA, Antonio Jiménez. *Chico Buarque procura (e encontra) o irmão alemão em novo romance*. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/22/cultura/1416613682_197649.html Acesso em: 01 nov. 2016.

BUARQUE, Chico. *O irmão alemão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CANDIDO, Antônio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

FREITAS, Maria Tereza de. *Literatura e história: o romance revolucionário de André Malraux*. São Paulo: Atual, 1986.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MATOS, Alessandro A. Fagundes. Ditadura, mpb e sociedade: a música de resistência em Chico Buarque de Holanda. *Web Revista: Páginas de debates*. UEMS, 2011. Disponível em: <<http://linguisticaelinguagem.cepad.net.br/EDICOES/17/Arquivos/01%20ALESSANDRO.pdf>> Acesso em 03/01/2017.

NAVAS, Diana. *Narcisismo discursivo e metaficção*. São Paulo: Scortecci, 2009.

MINEIRO, Maria Aparecida; ARAÚJO, Márcia Maria de Melo. *Relações intertextuais entre Literatura e História: O Irmão Alemão de Chico Buarque*.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. *Teoria da literatura*. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1978.

WERNECK, Humberto. *Chico Buarque. Tantas palavras*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre crítica da cultura*. Tradução de Alípio Correio de Franca Neto. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 1994.

Recebido em 10/06/2017

Aprovado em 02/07/2017